

“Do the Naomi Campbell Walk”: a constituição da supermodelo negra e as discursividades sobre a diversidade étnico-racial na Indústria da Moda

“Do the Naomi Campbell Walk”: the constitution of the Black supermodel and the discourses on ethnic-racial diversity in the fashion industry

Marcelino Gomes dos Santos¹

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

marcelinogomes_@outlook.com

RESUMO: Este artigo analisa como os discursos midiáticos produzem e estabilizam uma posição de subjetividade para a figura de Naomi Campbell no campo da moda, concebendo-a não como indivíduo empírico, mas como uma subjetividade de supermodelo negra constituída por práticas discursivas atravessadas por relações de saber, poder e resistência. A partir de oito matérias jornalísticas selecionadas em portais nacionais e internacionais de ampla circulação, como *Harper's Bazaar*, *L'Officiel*, *Veja*, *Estadão*, *BBC* e *Forbes*, tratamos esses textos como materialidades discursivas que participam da constituição da supermodelo enquanto objeto de saber e sujeito de enunciação na indústria da moda. Ancorados na Análise do Discurso de tradição francesa e na perspectiva foucaultiana sobre os discursos, examinamos os efeitos de sentido que fazem funcionar, sobre esse corpo racializado, processos de objetivação e subjetivação, bem como os modos pelos quais sua posição discursiva é investida de autoridade, legitimidade e capacidade de intervenção política na esfera da moda. Os resultados mostram que a subjetividade em torno de Naomi é construída nos e pelos discursos midiáticos como a de um corpo excepcional, dotado de potência para deslocar normas e tensionar regimes de visibilidade historicamente consolidados. Evidenciamos que os sentidos sobre a diversidade associados à sua presença nas passarelas não decorrem apenas de sua trajetória profissional, mas de uma posição discursiva que reconfigura o que pode ser visto, dito e reconhecido como legítimo no que concerne aos corpos negros na moda – ainda que essas disputas discursivas sejam marcadas por tensões e polêmicas. Assim, argumentamos que a centralidade discursiva atribuída a Naomi Campbell funciona como um dispositivo que reinscreve práticas sociais, altera os modos de circulação do olhar e abre novas condições de possibilidade para a existência e a projeção de modelos negras no presente e no futuro.

Palavras-chave: Discurso; Moda; Diversidade; Supermodelos; Naomi Campbell.

ABSTRACT: This article analyzes how media discourses produce and stabilize a position of subjectivity for the figure of Naomi Campbell in the field of fashion, conceiving her not as an empirical individual, but as a subjectivity of a Black supermodel constituted by discursive practices traversed by relations of

¹ Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e licenciado em Letras pela mesma instituição. Graduado em Moda pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN) e especialista em Moda, Arte e Cultura pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Suas pesquisas situam-se na interface entre moda, história, linguagem e discurso, buscando tensionar e inscrever as contribuições teóricas de Michel Foucault no campo dos estudos de moda, compreendendo-a como um espaço de produção de saberes, sentidos e sujeitos.

knowledge, power, and resistance. Based on eight journalistic articles selected from widely circulated national and international portals, such as Harper's Bazaar, L'Officiel, Veja, Estadão, BBC, and Forbes, we treat these texts as discursive materialities that participate in the constitution of the supermodel as an object of knowledge and a subject of enunciation in the fashion industry. Anchored in French-tradition Discourse Analysis and the Foucauldian perspective on discourses, we examine the effects of meaning that operate, on this racialized body, processes of objectification and subjectification, as well as the ways in which her discursive position is invested with authority, legitimacy, and the capacity for political intervention in the sphere of fashion. The results show that the subjectivity surrounding Naomi is constructed in and by media discourses as that of an exceptional body, endowed with the power to displace norms and challenge historically consolidated regimes of visibility. We demonstrate that the meanings of diversity associated with her presence on the catwalk do not stem solely from her professional trajectory, but from a discursive position that reconfigures what can be seen, said, and recognized as legitimate concerning Black bodies in fashion – even though these discursive disputes are marked by tensions and controversies. Thus, we argue that the discursive centrality attributed to Naomi Campbell functions as a device that reinscribes social practices, alters the modes of circulation of the gaze, and opens new conditions of possibility for the existence and projection of Black models in the present and the future.

Keywords: Discourse; Fashion; Supermodels; Diversity; Naomi Campbell.

Introdução

*Quando uma mulher negra se movimenta,
toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela.*
(Angela Davis)

Embora o caminho para a promoção de mais diversidade na indústria da moda seja longo e, por vezes, pareça infindável, é possível reconhecer avanços importantes resultantes de lutas sociais que atravessam diferentes esferas da vida coletiva, como a Educação, a Política e a Economia, por exemplo. No campo da moda, ao longo do tempo, essas transformações produziram fissuras em um espaço historicamente marcado pela hegemonia de corpos brancos, magros e eurocentrados.

Hoje, as diversidades étnico-raciais se fazem mais visíveis nas passarelas, nas capas de revista, nas campanhas publicitárias e nos bastidores da criação, ainda que essa visibilidade continue permeada por disputas. Se, na atualidade, a presença de modelos negras tornou-se mais notória, nas décadas passadas a indústria da moda operava com índices de exclusão ainda mais evidentes.

O grupo das supermodelos dos anos 1990 ilustra essa dinâmica, composto majoritariamente por mulheres brancas provenientes de países centrais do Ocidente. Nesse cenário, nomes como Naomi Campbell e Tyra Banks emergiam como exceções que não apenas evidenciavam a escassez de diversidade racial, mas também a rigidez das normas de beleza vigentes do período.

Ao longo da história da moda, poucas modelos negras alcançaram projeção internacional. Dentre esse pequeno contingente, Naomi Campbell tornou-se um nome recorrente, especialmente porque sua imagem circulou intensamente em revistas, passarelas, campanhas publicitárias e eventos os mais diversos. Isso contribuiu para a constituição de uma subjetividade e um corpo discursivo negro investidos de sentidos específicos e situados em relações de saber e poder.

No viés dessa discussão, partimos da compreensão de que, longe de se resumir a uma trajetória individual de sucesso, a produção discursiva em torno da supermodelo engendrou modos de objetivação e subjetivação que ultrapassam o sujeito empírico Naomi² – isto é, aquela mulher de quase 1,80m de altura, nascida em Londres, que já foi uma das musas de Gianni Versace. A posição de sujeito que ela ocupa nas tramas discursivas da moda poderia

² Ao mencionarmos “Naomi Campbell” ao longo do texto, referimo-nos à posição de sujeito da supermodelo negra tal como construída discursivamente, e não à figura biográfica ou individual, mas à subjetividade produzida e estabilizada pelos discursos que a instituem nesse lugar.

ser assumida por “qualquer”³ corpo negro que, ao adentrar essa indústria, passa a integrar redes discursivas que o definem, classificam e tensionam⁴.

Nas últimas décadas, os discursos midiáticos construídos sobre Campbell têm enfatizado sua influência nos debates sobre a diversidade étnico-racial. Nesses relatos, a supermodelo aparece como uma figura que desestabiliza regimes de visibilidade, acionando práticas discursivas que funcionam como formas de resistência dentro de um campo marcado por desigualdades estruturais.

O interesse deste artigo não é, portanto, analisar Naomi Campbell como sujeito empírico – com seu desfilar apoteótico e sua presença marcante nas passarelas – mas compreender como a posição de subjetividade que ela ocupa na história da moda é construída e mobilizada na/pela mídia, produzindo sentidos sobre raça, poder, representatividade e resistência de corpos negros na esfera da moda, aspectos dos quais tratamos a seguir.

Nas passarelas da moda, o desfilar das (super)modelos negras: alguns apontamentos

Ao longo da história deste “império do efêmero” – aqui fazemos alusão à clássica obra de Gilles Lipovetsky, de 1987 – inúmeros corpos femininos foram mobilizados como suportes de significação nas passarelas internacionais. Inscritos em distintas condições históricas e discursivas, esses corpos nem sempre ocuparam posições equivalentes, tampouco desfrutaram das mesmas possibilidades de visibilidade, projeção e reconhecimento.

Certas subjetividades tornaram-se mais visíveis, legitimadas e valorizadas, como ocorreu com o grupo das supermodelos dos anos 90 do século XX. Sua ascensão não se explica apenas por atributos físicos ou trajetórias individuais, mas por um conjunto de discursividades que, naquele período, produziram essas figuras como sujeitos de grande visibilidade, reconhecimento e poder de influência, ocupando um lugar acima das modelos comuns, conforme podemos compreender a partir dos estudos de Santos (2022).

³ O uso de “qualquer”, entre aspas, indica que, embora a posição de sujeito analisada não seja exclusiva de Naomi Campbell – podendo, em tese, ser assumida por outros corpos negros que adentram a indústria –, a conjuntura sócio-histórica, marcada por disputas de visibilidade, práticas racializadas e barreiras estruturais, fez com que tal posição fosse ocupada justamente por ela naquele momento.

⁴ A título ilustrativo, podemos mencionar Anok Yai, nascida em 20 de dezembro de 1997, no Cairo (Egito), que ascendeu rapidamente na indústria da moda e foi eleita “Modelo do Ano” em 2025 pelo British Fashion Council. Sua carreira meteórica, em um curto espaço de tempo, evidencia uma conjuntura distinta daquela em que Naomi Campbell estreou, indicando transformações históricas e discursivas na recepção e visibilidade de modelos negros no cenário internacional, nos últimos anos.

A plena consolidação da indústria da moda no final do século XX, articulada à intensa circulação midiática, contribuiu para constituir essas mulheres como figuras quase míticas, cujos nomes muitas vezes ultrapassavam o próprio trabalho que realizavam. As supermodelos foram, assim, produzidas em uma posição de subjetividade marcada pelo prestígio, pelo desejo, pelo valor econômico que mobilizavam e pelo impacto cultural que causaram no mundo, adoradas e aclamadas como se deusas mitológicas fossem, estrelas de imensurável valor no Olimpo da Moda.

Segundo Edgar Morin, os novos "olimpianos" (dos quais as supermodelos são exemplos) são sujeitos fabricados pelos discursos midiáticos, investidos de uma aura mítica e, ao mesmo tempo, expostos em sua humanidade; figuras que despertam fascínio, identificação e múltiplas projeções. Nessa perspectiva, o autor nos explica que esses sujeitos históricos "são, simultaneamente, magnetizados no imaginário e no real, simultaneamente ideais inimitáveis e modelos imitáveis; sua dupla natureza é análoga à dupla natureza teológica do herói-deus da religião cristã" (Morin, 2018, p. 106).

Ao serem referidas como estrelas, adoradas por pessoas em todo o mundo, o filósofo e sociólogo francês destaca que "as estrelas são seres ao mesmo tempo humanos e divinos, análogos em alguns aspectos aos heróis mitológicos ou aos deuses do Olimpo, suscitando um culto, e mesmo uma espécie de religião" (Morin, 1989, p. 10).

No templo sagrado da moda, emergem também posições de sujeito ocupadas por modelos negras, ainda que de forma mais restrita e tensionada pelas relações de saber e poder que historicamente produziram o corpo negro como menos legítimo, menos desejável e menos visível.

Nomes como Bethann Hardison, Donyale Luna, Naomi Sims, Luana de Noailles, Beverly Johnson, Iman Abdulmajid, Naomi Campbell, Tyra Banks, Liya Kebede e, mais recentemente, Anok Yai e Adut Akech foram sendo inscritos discursivamente nesse campo, ocupando lugares possíveis nas tramas da moda, embora atravessados por práticas de racialização e processos de objetivação que restringiram sua presença e projeção ao longo das décadas, tratamento diferente daquele recebido pelas (super)modelos brancas.

Entre essas posições, a subjetividade construída em torno de Naomi Campbell ganhou destaque singular. Sua presença na indústria da moda costuma ser narrada pela mídia a partir de sua trajetória individual, marcada por grandes colaborações, desfiles, conquistas e polêmicas, nas quais teria se envolvido ao longo de sua carreira.

Entretanto, ao deslocarmos o olhar para o plano discursivo, percebemos que Naomi funciona menos como uma pessoa empírica e mais como uma posição de subjetividade,

produzida por determinadas condições históricas, discursivas e midiáticas, questões das quais tratamos nas análises e discussões a seguir.

Da Análise de Discurso Francesa à Moda: considerações teórico-metodológicas

Antes de adentrarmos nas análises e discussões das matérias jornalísticas sobre Naomi Campbell, é necessário explicitar o nosso olhar teórico-metodológico. Nesse sentido, em termos de metodologia, a presente pesquisa foi conduzida por meio de uma busca na internet, realizada no *Google*, por matérias que abordassem a relação entre a supermodelo e as discussões sobre a diversidade étnico-racial no campo da moda. Para tanto, usamos como filtros de pesquisa as palavras-chave “Naomi Campbell” e “diversidade”.

Diante do levantamento preliminar de materialidades que tratam do referido tema, estabelecemos critérios de inclusão e exclusão para garantir rigor metodológico e representatividade dos textos selecionados. Nesse sentido, foram incluídas apenas matérias que articulassem diretamente questões raciais à construção discursiva do sujeito encarnado por Naomi Campbell, que fossem veiculadas em portais de notícias reconhecidos nacional ou internacionalmente, garantindo credibilidade e legitimidade, e que possuísem extensão suficiente para permitir uma análise detalhada dos enunciados, discursos e sentidos.

No percurso, foram excluídas e desconsideradas matérias muito curtas, publicações de blogs ou veículos de caráter não jornalístico, bem como conteúdos que não abordassem a pauta da diversidade étnico-racial de forma explícita e sua relação direta com a supermodelo britânica. O conjunto final de oito matérias foi selecionado buscando diversidade de perfis editoriais e contextos de circulação, os quais indicamos a seguir:

- **Veja** (1 matéria): revista tradicional brasileira, consolidada e reconhecida por sua forte influência no debate público.
- **Estadão** (1 matéria): jornal centenário de referência histórica, conhecido por sua cobertura analítica de cultura, política e sociedade.
- **Forbes** (1 matéria): veículo internacional de grande autoridade na cobertura de negócios e personalidades influentes.
- **Harper’s Bazaar** (3 matérias): revista de moda de relevância histórica, criada em 1867, cuja abordagem combina moda, cultura e comportamento, contribuindo para a formação de imaginários, discursos e saberes.

- **BBC** (1 matéria): portal jornalístico internacional de alta credibilidade, reconhecido por sua cobertura global e pela capacidade de pautar debates transnacionais sobre cultura, política e questões sociais.
- **L’Officiel Brasil** (1 matéria): edição brasileira de uma das mais tradicionais revistas de moda do mundo, criada em 1921, em Paris, cuja linha editorial articula moda, lifestyle e cultura pop.

Em termos teóricos, a análise empreendida neste artigo se fundamenta nos pressupostos da Análise de Discurso Francesa, nos estudos de Michel Foucault e de outros estudiosos da área sobre as relações entre discurso, sujeito, saber e poder, em obras que apresentamos nesta seção, como também ao longo das discussões.

A partir do referido viés teórico-metodológico, buscamos compreender como os textos jornalísticos constroem sentidos sobre a presença de um corpo negro na indústria da moda, quais práticas de objetivação e subjetivação são acionadas e de que maneira emergem práticas de resistência, isto é, as relações de força que são colocadas em jogo nessa conjuntura. Como explica Cleudemar Alves Fernandes:

A Análise do Discurso, tendo o discurso como objeto de investigação, trabalha com a linguagem sob suas diferentes possibilidades de existência, e a considera em uma relação direta com a história – esta como o que determina as possibilidades de realização daquela – e com os sujeitos. O discurso é exterior à língua, mas depende dela para a sua possibilidade de existência material, ou seja, o discurso materializa-se em forma de texto e de imagens, sob determinações históricas (2012, p. 16).

Logo, compreendemos os discursos como sendo exteriores à língua, mas historicamente determinados. Por meio da análise de textos produzidos sobre a supermodelo britânica, buscamos discutir os sentidos construídos nessas materialidades, entendendo que, como nos explica Gregolin (2004, p. 27), “entre o enunciado e o que ele enuncia não há apenas relação gramatical, lógica ou semântica; há uma relação que envolve os sujeitos, que passa pela história”. Sobre este aspecto, Orlandi (2007, p. 15) observa que:

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim a palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando.

Dessa forma, nosso interesse recai sobre os discursos veiculados nas matérias jornalísticas sobre Naomi Campbell – e não sobre a língua apenas como um sistema. Por meio da análise desses discursos e dos sentidos que emergem nas reportagens, buscamos compreender o lugar de sujeito construído para a supermodelo ao longo de sua trajetória profissional, bem como o exercício de seu poder no interior de uma indústria marcada pelas relações de força entre múltiplos sujeitos.

Assim, torna-se necessário aprofundar a noção de sujeito em Michel Foucault e seu modo de compreender a tessitura das subjetividades, uma vez que essa concepção orienta o nosso olhar sobre a constituição discursiva de Naomi Campbell. Diferentemente das concepções humanistas, que tomam o sujeito como uma essência interior, estável e originária, a visão foucaultiana entende o sujeito como um efeito histórico, produzido por práticas discursivas e não discursivas que o atravessam.

Trata-se, portanto, de um sujeito tramado no interior das relações de poder e dos saberes que lhe dão forma, e não anterior a elas. Essa perspectiva desloca o foco das individualidades psicológicas para os modos de objetivação e subjetivação que permitem que certos tipos de sujeitos existam em determinadas épocas.

Nesse sentido, compreender o sujeito – e, no caso desse estudo, o lugar de sujeito construído para uma supermodelo negra na indústria da moda – exige situá-lo no interior de redes discursivas mais amplas, uma vez que, conforme observa o linguista francês Jean-Jacques Courtine (2013, p. 27), “o discurso deve ser compreendido a partir daquilo que Foucault denomina ‘dispositivo’, isto é, de um conjunto heterogêneo de instituições e leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos”.

Como enfatiza Veiga-Neto (2007, p. 44), é relevante perguntar-se “quais os saberes e sentidos que participam da construção de uma determinada subjetividade no instante do entrecruzamento dos enunciados que participam dessa costura”. Entendemos que a constituição do sujeito, portanto, ocorre no funcionamento desses dispositivos, que engendram posições possíveis de ser ocupadas e regulam formas específicas de visibilidade, enunciação e ação. Assim, examinar discursos midiáticos sobre Naomi Campbell implica investigar os dispositivos que os sustentam – entre eles, o dispositivo da moda, o dispositivo racial e o dispositivo midiático – e os modos pelos quais eles produzem determinadas modalidades de subjetivação.

Nesse processo, práticas de objetivação, como classificações, nomeações e representações, articulam-se a práticas de subjetivação que orientam maneiras de perceber-se e de agir no mundo. No campo específico da moda, tais processos tornam-se ainda mais

visíveis, na medida em que corpos são constantemente interpretados, valorizados, disciplinados e inseridos em regimes de sentido que os moldam.

Ao dissertar sobre a relação entre o dispositivo da moda e a constituição dos sujeitos, Paixão (2013, p. 74) conclui que “os sujeitos pertencem, pois, a certos dispositivos e suas ações se dão e se condicionam neles ou por meio deles [...]”. O pesquisador destaca que “a relação entre os sujeitos e os dispositivos é de ordem constitutiva, uma vez que estes encerram, constroem, transformam, modelam aqueles”.

Assim, concluímos que o sujeito da moda – seja ele qual for – não preexiste às práticas do campo: ele é produzido no interior de jogos complexos de discursividades e sentidos. Consideramos, também, de que modo esses discursos podem tanto reiterar posições de sujeição e estereótipos historicamente associados aos corpos negros quanto abrir brechas para práticas de resistência, deslocamentos e reinscrições de sentido.

Trata-se, portanto, de investigar como, nos enunciados midiáticos, a subjetividade em torno da supermodelo negra é construída, tensionada e, por vezes, reinventada, no entrecruzamento entre discurso, saber, poder e história. Ao compreender essa posição de sujeito como um efeito das práticas discursivas, buscamos evidenciar as condições de produção que permitem que determinados sentidos emergjam e se estabilizem, enquanto outros são silenciados ou marginalizados.

Nas análises e discussões que se seguem, apresentamos as matérias jornalísticas⁵ em ordem cronológica de publicação, abrangendo o período de 2017 a 2025, de modo a observar continuidades, deslocamentos e inflexões nos discursos produzidos sobre a supermodelo, bem como os modos pelos quais esses discursos operam na manutenção – ou no questionamento – das hierarquias raciais no campo da moda.

“Walk across the room like Naomi Campbell”: a construção discursiva da supermodelo negra e seu impacto na indústria da moda

Em 23 de agosto de 2017, a revista *BBC* publicou uma matéria intitulada “*Naomi Campbell shames Vogue over diversity*” – em português, “Naomi Campbell critica a Vogue pela falta de diversidade”. Na publicação, é notícia sobre a supermodelo:

⁵ Para garantir a precisão da análise, as materialidades são disponibilizadas na íntegra, preservando suas condições de produção e circulação. Cabe destacar que os textos originalmente publicados em língua inglesa foram traduzidos para o português pelo próprio autor deste artigo, mantendo-se o compromisso com a fidelidade semântica e discursiva das fontes.

Naomi Campbell criticou a falta de diversidade na equipe da Vogue britânica sob a gestão do editor anterior, publicando a última foto do time da revista, que não mostrava nenhuma pessoa negra entre seus 55 membros. A imagem foi tirada antes de Edward Enninful assumir o cargo de primeiro editor negro da publicação, no início daquele mês. “Ansiosa por uma equipe inclusiva e diversa agora que @edward_enninful é o editor”, escreveu Campbell no Instagram. O apresentador e comentarista Edward Adoo afirmou à BBC News que a foto parecia um retrato da “Grã-Bretanha tradicional”, destacando que ela transmitia a ideia de um espaço elitista, majoritariamente branco e controlado, algo que, segundo ele, precisa mudar em toda a indústria da moda. Para Adoo, Enninful representa um avanço por ser “negro, gay e conectado com pessoas diferentes”. Campbell, por sua vez, teria prestígio suficiente para se manifestar, ao contrário de modelos iniciantes, que poderiam sofrer retaliações: “Se Naomi Campbell dissesse isso, certamente silenciaria as críticas devido ao seu calibre e status. Mas se alguém que está começando se manifestasse [...] talvez nunca mais recebesse uma ligação”. Entre as primeiras contratações de Enninful estiveram Campbell, Kate Moss e o cineasta Steve McQueen como editores colaboradores. Em entrevista anterior à *Time*, o novo editor afirmou que mudanças profundas seriam necessárias para ampliar a diversidade na moda: “Colocar apenas uma modelo em um desfile ou em uma campanha publicitária não resolve o problema [...] precisamos de pessoas de diferentes origens étnicas em todos os setores da indústria”. Na mesma entrevista, Campbell enfatizou a continuidade da luta: “Para mim, isso nunca acaba. Não é uma luta, é uma conversa – lembrar constantemente às pessoas que a diversidade é linda e que deve haver igualdade de oportunidades [...]. Isso nunca acaba porque você fala e eles dizem que estão ouvindo, mas parece que damos dois passos para trás” (BBC, 2017, grifos nossos, tradução nossa).

Inicialmente, é importante notar que, já no título da matéria, a subjetividade da supermodelo negra é construída como aquela que ocupa uma posição de enunciação capaz de criticar a própria *Vogue*, uma das revistas de moda mais antigas, prestigiadas e influentes do mundo, pela falta de representatividade.

Neste momento, podemos citar os estudos de Kateryna Pilyarchuk, que nos fala sobre o enquadramento conceitual da inclusão e exclusão no discurso da moda, discutindo como o acesso das mulheres ao espaço delimitado da indústria é negado ou restringido com base em algum aspecto de sua identidade, seja raça, religião, deficiência, identidade de gênero, peso corporal ou classe social. De acordo com Pilyarchuk (2024, p. 4-5), “pesquisadores que analisam a revista *Vogue* concordam que ela ocupa o topo da hierarquia da moda”, o que evidencia o seu poder de influência, desde sua criação, em 1892, até os dias atuais.

Ou seja, o discurso presente na matéria da *BBC* atribui a esse sujeito supermodelo negro uma capacidade de exercer o seu poder no presente ao apontar falhas em uma revista que, para muitos profissionais, representa uma oportunidade de visibilidade e consagração. Nesse gesto, delineia-se uma posição de sujeito que não apenas participa da indústria, mas que também a tensiona e produz deslocamentos no modo como ela historicamente opera.

Sobre este aspecto, é pertinente citar também os estudos de Noël Siqi Duan. Em suas pesquisas, a autora examina criticamente a forma como revistas de moda representam os

corpos de mulheres negras, discutindo tanto a persistência de estereótipos raciais quanto o uso problemático de práticas associadas ao *blackface*⁶.

A análise de Duan (2017) evidencia como a moda, enquanto dispositivo cultural e midiático, frequentemente reproduz hierarquias raciais históricas ao estilizar, apropriar ou exotizar características corporais negras, ao mesmo tempo em que marginaliza ou invisibiliza mulheres negras reais.

Dessa forma, o estudo da referida pesquisadora contribui para a compreensão crítica dos mecanismos discursivos pelos quais a indústria editorial reforça padrões de beleza racializados e limita a autonomia representacional de mulheres negras. De acordo com Duan:

Embora as revistas de moda afirmem celebrar a diversidade – e, de fato, a seu crédito, há recentemente mais modelos não brancos nas páginas da *Vogue* do que nas décadas anteriores – essa diversidade é definida de forma restrita. Embora seja celebrada como uma demonstração de igualdade e progressismo, essa aparente diversidade obscurece discussões mais aprofundadas sobre representatividade nas imagens de moda (Duan, 2017, p. 66, tradução nossa).

Na publicação da *BBC*, o discurso midiático se articula a partir de uma cena de denúncia: Naomi Campbell expõe a falta de diversidade na redação da *Vogue* britânica antes da entrada de Edward Enninful⁷ no cargo de editor-chefe. Nessa publicação, constrói-se a subjetividade da supermodelo negra como sujeito político ativo e contestador, consciente da “aparente diversidade” na moda, da qual nos fala Noël Siqui Duan. O gesto de “criticar”, “expor” e “denunciar” posiciona a subjetividade encarnada por Naomi como alguém autorizado a falar contra a hegemonia branca que organiza o funcionamento interno da moda.

A matéria afirma que “Campbell, por sua vez, teria prestígio suficiente para se manifestar, ao contrário de modelos iniciantes, que poderiam sofrer retaliações”. Essa passagem é reforçada pela fala de Edward Adoo⁸, que sustenta que apenas figuras dotadas de reconhecimento e autoridade simbólica conseguem criticar a indústria sem enfrentar represálias diretas. Tal construção discursiva, portanto, evidencia a centralidade atribuída à supermodelo negra na perturbação das estruturas de poder que organizam o campo da moda.

⁶ Blackface é a prática em que pessoas não negras escurecem a pele para imitar pessoas negras, na maioria das vezes, de forma caricatural. Essa representação reforça estereótipos e desumaniza identidades negras. Por isso, é amplamente reconhecida como uma manifestação de racismo.

⁷ Edward Kobina Enninful é um estilista britânico e o editor-chefe vigente da revista *Vogue* do Reino Unido, sendo o primeiro homem negro a ocupar essa posição.

⁸ Edward Adoo é apresentador de rádio, DJ, escritor e consultor musical do Reino Unido – conhecido por seu trabalho com a *BBC*.

Por sua vez, a fala concomitante de Enninful sobre a necessidade de “mudanças profundas”, também presente na matéria, desloca o problema da representatividade pontual para uma discussão estrutural: não se trata de inserir um corpo negro na superfície visível da moda, mas de reorganizar as práticas, relações e instituições que determinam quem pode aparecer e em quais condições.

A repetição, na fala de Campbell, de que “isso nunca acaba”, produz um efeito de sentido de insistência e retorno, característica dos discursos de resistência. Mesmo após décadas de carreira, a necessidade de reafirmar a importância da diversidade evidencia a persistência de mecanismos de exclusão e as tensões contínuas que perpassam a moda enquanto campo de forças.

Em 2019, o jornal *Estadão* publicou uma matéria sobre a supermodelo britânica, com o seguinte título: “*Naomi Campbell diz que a diversidade racial na moda não deveria ser apenas tendência. A britânica foi a primeira modelo negra a aparecer nas capas das revistas ‘Vogue’ francesa e ‘Time Magazine’*”. Nessa publicação, lemos a seguinte passagem:

“A diversidade racial na moda aumentou nos últimos anos, mas a indústria não pode tratá-la como uma tendência para as passarelas”, disse a modelo britânica Naomi Campbell em uma entrevista. **Um dos rostos mais reconhecíveis da moda, Campbell há muito tempo fala sobre discriminação na indústria em que trabalha já há 33 anos.** A britânica, de 49 anos, **foi a primeira modelo negra a aparecer nas capas da revista Vogue francesa e da Time Magazine.** Ela também **foi a primeira modelo negra a figurar na importante capa de setembro da Vogue norte-americana.** Perguntada sobre como a indústria havia mudado, Campbell disse: “De muitas maneiras, mas principalmente na diversidade. Finalmente parece ter sido absorvida, mas agora esperamos que não seja por uma tendência, como as roupas que estão em alta por uma temporada, e em baixa na outra, isso não vai acontecer”. **A modelo também declarou que houve avanços, no entanto, ainda é preciso mais.** “Melhorou muito, não posso dizer que não melhorou. Eu acho que sempre há espaço para melhorar ainda mais [...]. Há ainda muito o que fazer”, acrescentou, se referindo à igualdade salarial. Perguntada sobre se designers africanos estariam finalmente sendo reconhecidos, ela disse: “Estamos a caminho, mas ainda não estamos lá” (Estadão, 2019, grifos nossos).

A matéria do *Estadão* organiza sua narrativa de maneira a legitimar o lugar de fala de Naomi Campbell dentro da indústria da moda, já no título, mobilizando tanto sua trajetória histórica quanto suas conquistas inéditas para instituí-la como um sujeito possuidor de autoridade no debate contemporâneo sobre diversidade étnico-racial.

O título e o subtítulo funcionam como discursividades que constroem uma posição de poder: Naomi não apenas é apresentada como o sujeito supermodelo responsável por feitos extraordinários, mas também como alguém que, em razão de sua própria trajetória, teria adquirido legitimidade para problematizar a lógica da indústria.

Primeiro, destaca-se sua fala já no título da matéria; em seguida, são mobilizados os fatos de que ela foi a primeira modelo negra a estampar as capas da *Vogue France* e da *Time Magazine*, revistas que historicamente funcionaram como dispositivos de consagração no campo da moda e da cultura, conferindo a esse feito um peso simbólico que ultrapassa a simples presença imagética e inscreve Naomi em um regime de visibilidade antes reservado majoritariamente a corpos brancos. Trata-se de uma estratégia discursiva que associa sua visibilidade histórica à autoridade necessária para cobrar da moda um compromisso mais efetivo com a diversidade.

O corpo da matéria reforça esse lugar ao destacar que ela “fala há muito tempo sobre discriminação”, evidenciando que a discussão sobre diversidade não é uma pauta eventual, mas uma luta contínua para Campbell, desde a sua estreia na indústria da moda. Esse aspecto indica que sua atuação política não é pontual, mas integra sua construção identitária enquanto sujeito histórico.

Importante ressaltar que o modo como a subjetividade encarnada por Naomi aparece nessa matéria evidencia uma transformação no próprio papel social do sujeito nomeado modelo. No passado, modelos não dispunham de espaço para expressar perspectivas políticas ou críticas estruturais sobre a moda. Hoje, entretanto, figuras como Campbell ocupam posições estratégicas de visibilidade, podendo interferir diretamente nos discursos e práticas do campo.

Essa mudança dialoga com a compreensão foucaultiana de discurso como espaço de disputa e exercício de poder. Como afirma Foucault (1999, p. 10), “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos nos apoderar”. Naomi exerce esse poder ao inscrever sua voz na arena pública da moda, influenciando debates, direcionando olhares e tensionando estruturas historicamente excludentes.

Nessa perspectiva, a subjetividade da supermodelo londrina não apenas denuncia desigualdades, mas também se inscreve como um sujeito político capaz de mobilizar transformações dentro da própria indústria da moda – a mesma que a consagrou como uma das maiores modelos da história. Como lembra Fernandes (2012, p. 58), o poder “integra a construção de identidade dos sujeitos”, e, nesse caso, a subjetividade e o lugar de sujeito ocupado por Naomi são constituídos também pela maneira como ela produz e reenuncia discursos sobre raça e representatividade.

Importante notar, também, como a produção discursiva em torno de Campbell está relacionada ao contexto sócio-histórico à sua volta, isto é, às condições de produção do

discurso, à exterioridade que circunda o acontecimento discursivo. Além das lutas por mais diversidade, o contexto contemporâneo da moda também foi impactado por movimentos sociais como o *#MeToo*⁹ – ocorrido à época em que as referidas matérias foram produzidas – que revelou práticas de assédio e abuso em diversos setores, inclusive na moda.

Além disso, o lançamento do álbum *Lemonade*, de Beyoncé, em 2016, intensificou de maneira decisiva o debate público sobre raça, identidade e resistência de pessoas negras nos Estados Unidos, bem como em escala global. A obra, amplamente reconhecida como um marco cultural, mobilizou estéticas, narrativas e símbolos da negritude, ressignificando-os em um projeto artístico de grande circulação midiática.

Nos últimos dez anos, movimentos como *Black Lives Matter*¹⁰, ações digitais antirracistas – a exemplo do *#BlackOutTuesday*¹¹ – e a expansão de coletivos afrocentrados na moda contribuíram para reposicionar a pauta racial no debate público e na indústria da moda. Tais mobilizações tensionaram práticas de exclusão, denunciaram apropriações culturais e impulsionaram a visibilidade de modelos e criadores negros, nutrindo novos regimes de subjetivação e de resistência.

A morte de George Floyd, em maio de 2020, após ser asfixiado por um policial em Minneapolis, nos EUA, tornou-se um catalisador simbólico dessa mobilização mundial, evidenciando a violência policial contra pessoas negras e intensificando a produção de discursividades antirracistas na esfera midiática.

Nesse contexto, figuras públicas como Viola Davis também assumiram papel central na articulação e amplificação dessas vozes, denunciando a lógica estrutural que condiciona o reconhecimento de pessoas negras nas indústrias culturais. A atriz, que se tornaria a mulher negra mais indicada da história do Oscar, passou a usar seu prestígio para tensionar, publicamente, as desigualdades raciais de Hollywood, reforçando como a crítica só encontra ressonância quando enunciada a partir de posições de visibilidade conquistadas a duras penas, acontecimentos que reverberaram, discursivamente, na mídia internacional.

⁹ O *#MeToo* é um movimento social contra a violência sexual e o assédio, que ganhou ampla visibilidade em 2017 após denúncias de mulheres na indústria do entretenimento, mobilizando relatos públicos para expor práticas de abuso, responsabilizar agressores e reivindicar ambientes de trabalho mais seguros e igualitários.

¹⁰ Black Lives Matter (BLM) é um movimento social surgido em 2013, nos Estados Unidos, após a absolvição de George Zimmerman pelo assassinato de Trayvon Martin. Estruturado inicialmente a partir de mobilizações digitais, o BLM consolidou-se como um movimento transnacional de denúncia da violência policial, do racismo estrutural e das desigualdades que afetam populações negras, articulando ativismo de rua, engajamento político e campanhas globais.

¹¹ *#BlackOutTuesday* foi uma ação digital realizada em 2 de junho de 2020, em que usuários de redes sociais, especialmente no Instagram, publicaram imagens pretas acompanhadas da hashtag como forma de protesto pela morte de George Floyd e de solidariedade ao movimento antirracista. A iniciativa buscou promover uma pausa simbólica nas atividades digitais para evidenciar a urgência do debate sobre violência racial e apoiar organizações e vozes negras.

Além desses movimentos, a última década também foi marcada por acontecimentos simbólicos no campo da cultura pop que repercutiram amplamente nos debates sobre raça. Um exemplo significativo foi a vitória de Beyoncé no *Grammy*, na categoria de Álbum do Ano, em 2025, tornando-se a segunda mulher negra da história a conquistar tal reconhecimento desde Lauryn Hill, em 1999.

Mesmo sendo a artista mais premiada da história¹² da *Recording Academy*, a cantora nunca tinha vencido a categoria principal da noite, *Album of the Year - AOTY*. Esse intervalo de mais de duas décadas evidencia o caráter estrutural das assimetrias raciais na indústria musical, ao mesmo tempo em que a consagração de Beyoncé opera como um acontecimento discursivo que desloca esses regimes de visibilidade e produz sentidos que ecoam no mundo inteiro, sobretudo, por meio da mídia.

Nesse ambiente de efervescência cultural e política, discursos como os de Naomi Campbell encontram ainda mais ressonância, fortalecendo a crítica aos processos históricos de exclusão e impulsionando transformações no imaginário visual e nos bastidores da indústria da moda.

No viés dessa discussão, o site *Forbes* publicou uma matéria em 2020 sobre Campbell, cujo título é “*Naomi Campbell Is Not Alone. And Why It Matters To All Of Us*” (em português, “Naomi Campbell não está sozinha. E porque isso importa para todos nós”), escrita por Ali Shahbabz. Nessa matéria, é dito que:

A estrela da capa de novembro da Vogue Magazine fez tudo. A notória criança selvagem da moda, Naomi Campbell é incessantemente reconhecível além das passarelas, programas de televisão e galas da alta sociedade. O dilema é: o nome de Campbell a precede – supostamente egoísta e irrefutavelmente glamoroso. Numa carreira de quase quatro décadas, a marca Campbell é idiossincrática – é representada por ela. E ela sozinha. Mas ela é mais do que um exército de uma mulher só. Mesmo sem um conhecimento profundo da indústria da moda, é fácil identificar o investimento contínuo da Campbell na criação de talentos. Ela é uma aula magistral em capacitar jovens de diversas origens. [...] O papel de Campbell como mentora da geração mais jovem de talentos é instantaneamente identificável. A intensidade de seu comprometimento e cuidado é difícil de ignorar. A revista Vogue descreve isso melhor – ela é como uma mãe substituta para muitos em seu setor. Mas Campbell não é uma ativista passiva. Dentro e fora da passarela, ela segue o que fala. Tecendo a filantropia na moda, ela encontrou a iniciativa Fashion for Relief – o desfile de 2019, com a presença do prefeito de Londres, Sadiq Khan, e da editora-chefe da revista Vogue, Anna Wintour, para arrecadar fundos para jovens londrinos de baixa renda para alcançar seu potencial de empregabilidade. Em 2013, ela fez parceria com a supermodelo somali-americana Iman e com a modelo que virou ativista Bethann Hardison para apresentar a Diversity Coalition – um coletivo para combater o preconceito no elenco de modelos. O negócio é o seguinte: tanto os membros da indústria como os de fora estão a par do padrão de capacitação dos jovens estabelecido por Campbell. É acessível a todos – líderes

¹² Até 2025, Beyoncé já foi premiada com 35 Grammys, sendo vencedora em diversas categorias.

políticos, professores, gestores de projetos, diretores, treinadores, executivos. Todos deveriam se importar. **Esqueça então as passarelas deslumbrantes e as capas de revistas solo, é esse espírito de generosidade, compaixão e lealdade que definirá o legado emergente de Naomi Campbell** (Forbes, 2020, tradução nossa, grifos nossos).

A matéria inicia sua narrativa com a apresentação dos grandes feitos da supermodelo britânica, destacando o fato de que “Naomi Campbell é incessantemente reconhecível além das passarelas”, e que seu nome “a precede”. Além disso, seu nome é associado à ideia de ser uma pessoa idiossincrática, alguém que se comporta de modo incomum diante da sociedade e que age fora dos padrões esperados. Essa caracterização é recorrente na mídia especializada em moda quando se refere à Naomi.

Em seguida, a matéria enfatiza as ações do sujeito supermodelo voltadas à formação de jovens que desejam seguir carreira na moda, afirmando que “tanto os membros da indústria como os de fora estão a par do padrão de capacitação dos jovens estabelecido por Campbell”. Desse modo, destaca-se seu papel social como mentora de novos talentos.

A *Forbes* encerra a matéria sugerindo que o trabalho da supermodelo em prol da diversidade na moda ultrapassa “as passarelas deslumbrantes e as capas de revistas”, indicando que sua atuação seria maior do que sua própria carreira profissional na indústria *fashion*, pela qual ela se tornou amplamente reconhecida no mundo inteiro.

Observamos, nessa matéria, uma regularidade discursiva marcada pela ênfase no nome do sujeito supermodelo, que aparece como se tivesse se transformado em uma marca própria, facilmente reconhecível, além das passarelas. Ao longo da história da moda, poucos modelos alcançaram o estatuto de serem reconhecidas apenas pelo nome; Naomi Campbell é uma das poucas que alcançaram esse feito. Seu nome adquiriu tamanho alcance simbólico que se tornou, ele próprio, um signo cultural – tão imediatamente identificável quanto as célebres latas de sopa Campbell (Campbell’s Soup Cans), criadas por Andy Warhol em 1962.

Outro aspecto recorrente é o esforço da *Forbes* em destacar seus feitos dentro e fora da indústria. A repetição desse enunciado não é mera coincidência e funciona na construção e legitimação do lugar de sujeito que ela ocupa hoje, de onde exerce poder de influência e capacidade de promover transformações no campo.

O poder que a subjetividade construída em torno de Naomi Campbell mobiliza permite que temas antes ignorados ou silenciados, como a diversidade étnico-racial, ganhem centralidade. Isso é significativo quando consideramos que esse discurso é exercido hoje por um sujeito histórico que, até pouco tempo atrás, não poderia expressar publicamente sua personalidade ou visões de mundo, opiniões políticas, reivindicações sociais etc.

Com o passar do tempo, a noção de modelo se modificou. Hoje, esse sujeito histórico atua em múltiplos espaços: passarelas, cinema, música, programas televisivos, tapetes vermelhos de eventos como o Emmy, o Grammy, o Tony Awards, o MET Gala, o Oscar, entre outros. Como afirma Fernandes (2012, p. 22), os discursos “obedecem a determinações históricas; é a história que lhes assegura condições de possibilidade”. Assim, entendemos que os discursos mobilizados por Campbell no presente são possíveis graças às condições históricas atuais, algo que não se colocava para outros modelos do passado.

Entretanto, é importante observar que, na matéria da *Forbes*, Naomi é referenciada como “a notória criança selvagem da moda”. Esse enunciado faz emergir um discurso concorrente dentro de um texto cuja superfície discursiva, em grande medida, busca enaltecer a supermodelo ao destacar seus feitos, sua longevidade na indústria e sua influência cultural. Apesar do tom celebratório, a retomada da expressão “criança selvagem” reinscreve Campbell em uma cadeia histórica de sentidos que associa corpos negros – especialmente os corpos de mulheres negras – à selvageria, descontrole, indocilidade e pulsão instintiva¹³.

Trata-se de uma formação discursiva já consolidada no imaginário colonial e racializado ocidental, na qual a mulher negra é frequentemente construída como um corpo fora da norma e hipersexualizado. Assim, ao mesmo tempo em que a matéria atribui à supermodelo um lugar de poder e reconhecimento, ela reatualiza um estereótipo que tensiona essa mesma posição, evidenciando como a mídia, mesmo em discursos de celebração, não opera de modo neutro, mas mobiliza significantes que carregam historicidades violentas.

Nesse sentido, a designação de “criança selvagem” opera como um discurso ambivalente: de um lado, parece reforçar a ideia de uma personalidade vibrante, intensa, fora dos limites; de outro, recai sobre a subjetividade da supermodelo negra a marca da alteridade racial que, historicamente, associa as mulheres negras à animalização, ao exotismo e à falta de autocontrole. Essa ambiguidade confirma como os discursos midiáticos produzem e reproduzem subjetividades por meio de jogos de poder e de saber: mesmo quando celebram, inscrevem marcas que disciplinam, hierarquizam e delimitam o lugar do sujeito negro na indústria da moda.

Ainda em 2020, outros portais de notícias produziram matérias sobre Naomi. A renomada revista de moda *Harper's Bazaar* publicou uma matéria sobre Campbell, cujo título é “*Naomi Campbell opens digital couture fashion week with powerful speech about diversity*”

¹³ Ao longo de sua carreira – que se estende até o presente – incontáveis veículos de comunicação associaram o nome da supermodelo britânica a sentidos de selvageria e violência, pautados em seu comportamento considerado “explosivo” e “temperamental” pela mídia.

(em português, “Naomi Campbell abre a semana de Alta Costura com discurso poderoso sobre a diversidade”), escrita por Amy de Klerk. Ao longo da matéria, é dito que:

Naomi Campbell abriu oficialmente esta manhã a primeira versão digital da semana de moda de alta-costura de Paris – e fê-lo com um discurso poderoso que apelou à ação para proporcionar diversidade na indústria da moda. Falando a partir da sua casa nos EUA, Campbell sublinhou a importância de agir de acordo com o “poderoso sentido de urgência” que “tem sido falado em voz alta em todo o mundo com o movimento Black Lives Matter”. **“A luta pela diversidade e pela igualdade tem sido uma longa jornada na sociedade e na indústria da moda”, disse a supermodelo. “Hoje, em 2020, ainda temos um longo caminho a percorrer e chegou a hora de chamar coletivamente o mundo da moda para a tarefa em relação à desigualdade nos nossos espaços de trabalho e na nossa indústria”.** Campbell nomeou então Paris como “o palco central e o seu líder da moda”, apelando para que esta semana marcasse o início da mudança. “Este é um apelo à ação que estamos fazendo, pois esperamos que esta seja uma conversa que está começando agora e durará o tempo que for necessário. Cabe a nós, cabe a vocês começarem a impor a inclusão da multidão de identidades que compõem nossos países. “Chegou a hora de construir uma indústria mais equitativa, com uma boa forma de freios e contrapesos. **Agora é mais do que nunca obrigatório incluí-los de forma permanente e não transitória. É hora de ter conversas regulares e sustentáveis com minorias de cada país e cultura, que já são atores invisíveis desta megaindústria. “Começa agora na França”** (Harper’s Bazaar, 2020, grifos nossos, tradução nossa).

A *Harper’s Bazaar* inicia o texto sublinhando que Naomi pronunciou “um discurso poderoso que apelou à ação para proporcionar diversidade na indústria da moda”. A publicação reforça que esse discurso não ocorre em qualquer circunstância, mas no contexto da Semana de Alta Costura de Paris, cidade historicamente reconhecida como epicentro da moda e espaço que exerce grande poder simbólico e institucional nesse campo.

A matéria coloca em circulação os dizeres da supermodelo, que destaca a necessidade de o mundo da moda enfrentar de forma coletiva a desigualdade presente “nos nossos espaços de trabalho e na nossa indústria”. Observe-se que os usos consecutivos dos pronomes possessivos constroem discursivamente um lugar de pertencimento e autoridade.

Campbell enuncia sua crítica não a partir de uma exterioridade, mas do próprio interior da engrenagem da moda – do epicentro simbólico e institucional do setor, Paris – posição que reforça a legitimidade e a força de suas reivindicações por uma indústria “mais equitativa”, que inclua minorias “de forma permanente e não transitória” e que reconheça aqueles que permanecem como “atores invisíveis desta megaindústria”.

Esses discursos reafirmam o lugar de sujeito da supermodelo dentro da moda e evidenciam o alcance de sua voz. A posição de sujeito que Campbell ocupa hoje permite que suas reivindicações ganhem visibilidade em espaços de prestígio e em veículos de grande circulação, algo inimaginável para modelos de outros períodos históricos. Suas falas

atravessam fronteiras e se disseminam em revistas, jornais e plataformas digitais, sendo lidas, compartilhadas e comentadas por milhares de usuários ao redor do mundo.

Observe-se que a fala da supermodelo inglesa é convidativa e inclusiva, quando ela diz que “ainda temos um longo caminho a percorrer e chegou a hora de chamar coletivamente o mundo da moda para a tarefa em relação à desigualdade nos nossos espaços de trabalho e na nossa indústria”. Ela não fala apenas de si em primeira pessoa do singular; ao contrário, mobiliza a primeira pessoa do plural, produzindo um efeito de coletividade e engajamento compartilhado. Sobre este aspecto, apontamos para os estudos de De Cock et al. (2024), que investiga o discurso do ativismo digital no contexto da *Fashion Revolution Week*¹⁴ de 2020, analisando um conjunto de *tweets* marcados com a hashtag *#FashionRevolution*.

As autoras e autores adotam uma perspectiva linguística que articula pragmática, análise do discurso e argumentação para compreender como diferentes usuários – sem qualquer força impositiva sobre seu público – formulam chamados à ação voltados para a transformação do sistema da moda em direção à sustentabilidade.

A pesquisa demonstra que tais chamados não se manifestam apenas por meio de formas imperativas, mas também através de outras estruturas deônticas que expressam obrigação, necessidade ou convite, tal como o faz Naomi Campbell em seus discursos, convidando outros sujeitos da própria indústria a unirem-se à luta por mais diversidade étnico-racial na moda.

Outra matéria sobre Campbell foi escrita e publicada na *Harper's Bazaar* – edição brasileira – assinada por Marcela Palhão, cujo título é “Naomi Campbell cobra ações do mundo da moda sobre igualdade racial na abertura da semana de alta-costura”. O subtítulo nos diz que “o discurso poderoso da modelo falou sobre dar voz a figuras invisíveis da indústria”. Nessa matéria, lemos a seguinte passagem:

“A luta por igualdade e diversidade tem sido uma longa jornada na sociedade e na indústria da moda. Hoje, em 2020, ainda temos um longo caminho para percorrer e chegou a hora de coletivamente chamar a atenção do mundo fashion sobre desigualdade nos lugares de trabalho e na nossa indústria”. **Foi com este discurso que Naomi Campbell deu início a semana de moda de alta-costura, a primeira 100% digital.** No sofá de sua sala, usando uma camiseta com a frase “phenomenally black”, a modelo gravou um vídeo que abriu a temporada de apresentações das coleções criadas remotamente pelas maisons. **Chamando o mundo da moda para a ação, em um momento em que protestos colocam a desigualdade racial no**

¹⁴ A Fashion Revolution Week é uma mobilização global criada em 2014 em resposta ao colapso do edifício Rana Plaza, em Bangladesh, que deixou mais de mil trabalhadores mortos na indústria têxtil. Realizada anualmente, a semana promove debates, campanhas e ações educativas que visam questionar as práticas da moda convencional, defendendo transparência nas cadeias produtivas, condições dignas de trabalho e sustentabilidade socioambiental.

centro das atenções no mundo inteiro, Naomi citou Nelson Mandela quando disse que “ação sem visão é apenas passatempo. Visão sem ação é meramente sonhar acordado. Mas visão com ação pode mudar o mundo”. Lembrando as ações do movimento “Black Lives Matter”, que levou milhões de pessoas às ruas ao redor do mundo para protestar contra a maneira como vidas negras são tratadas pelas autoridades e sociedade em geral, **Naomi lembrou o papel de Paris, como centro referência do mundo da moda, de lutar contra o racismo** (Harper’s Bazaar, 2020, grifos nossos, tradução nossa).

A matéria constrói, assim como as outras, o sujeito supermodelo negro como uma figura de autoridade política capaz de convocar a indústria da moda a encarar suas próprias desigualdades, articulando sua fala a uma memória discursiva mais ampla que inclui o movimento *Black Lives Matter* e a citação de Nelson Mandela, ex-Presidente da África do Sul, com quem a supermodelo mantinha uma relação de amizade.

Ao situar Paris como centro simbólico da moda – e, portanto, como o ponto nevrálgico a partir do qual a indústria deveria enfrentar o racismo – o texto reforça a legitimidade de Naomi como sujeito que enuncia suas perspectivas de dentro das próprias tramas de poder da moda. Simultaneamente, desloca os sentidos da Semana de Alta-Costura do domínio estritamente estético para um cenário de denúncia, responsabilização e convocação coletiva às lutas antirracistas.

Ainda sobre a questão do poder, Foucault (1977, p. 172) nos alerta para o fato de que “temos que deixar de descrever sempre os efeitos do poder em termos negativos: ele ‘exclui’, ‘reprime’, ‘recalca’, ‘censura’, ‘abstrai’, ‘mascara’, ‘esconde’”. De acordo com o pensamento do filósofo, deveríamos considerar, também, que “o poder produz realidade [...] o indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção”.

Naomi Campbell, supermodelo, ativista política, celebridade, entre outras adjetivações, é uma mulher nascida em Londres, em 1970, que se tornou uma personalidade marcante na história da moda contemporânea. Em uma perspectiva foucaultiana, a supermodelo é também um sujeito do saber produzido nos/pelos discursos, que ocupa um lugar específico nas tramas da moda, isto é, o lugar de sujeito que exerce o seu poder dentro dessa indústria, no sentido de modificá-la, torná-la mais diversa e inclusiva para pessoas negras.

E, à medida em que o seu lugar de sujeito permite-a exercer o seu poder sobre tais questões, age de igual modo na manutenção do lugar que ela ocupa, legitimando-o. Prova disso é que, a cada novo discurso ou pronunciamento público sobre a pauta da diversidade étnico-racial na moda, a supermodelo é ovacionada e aclamada por outras personalidades, de diversos segmentos. Nessa perspectiva, Foucault destaca que:

É preciso não tomar o poder como um fenômeno de dominação maciço e homogêneo de um indivíduo sobre os outros, de um grupo sobre os outros, de uma classe sobre as outras; mas ter bem presente que o poder não é algo que se possa dividir entre aqueles que o possuem e o detém exclusivamente e aqueles que não o possuem. O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles (2012, p. 193).

Vale salientar que o poder que Naomi Campbell exerce não está concentrado, unicamente, em suas mãos. Trata-se de um exercício, como nos permite pensar os estudos foucaultianos. Em diversas entrevistas que realizou, como aquela para Minnie Stephenson, do programa *Channel 4 News*, disponível no YouTube¹⁵, Naomi Campbell tem afirmado que, ao longo de sua carreira, “sabia que teria que trabalhar mais que as outras” modelos da indústria. Nessa mesma entrevista, Naomi disse que, nos anos 90, “não era fácil para mulheres negras conseguirem as capas de revista”. E, como uma mulher negra, sabia que teria que se provar 150% para conseguir oportunidades de trabalho.

Sobre este aspecto, Foucault (2012, p. 175) nos permite pensar que “o poder não se dá, não se troca nem se retoma, mas se exerce, só existe em ação”. Nessa esfera, outros sujeitos também exercem seus poderes: estilistas, jornalistas, revistas de moda, grandes marcas e instituições. Logo, o que o sujeito supermodelo negro exerce é o seu poder em uma rede vasta, onde outros poderes estão em circulação e aos quais ele precisou resistir ao longo de sua carreira. Nesse sentido, sua posição não é apenas simbólica, mas também política, funcionando como canal de pressão para que a moda se torne mais inclusiva e responsável socialmente.

No Brasil, a revista *Veja* publicou uma matéria alusiva à carreira da supermodelo, publicada em 2024, cujo título é “Naomi Campbell celebra 40 anos como ícone de uma revolução na moda”. O subtítulo nos diz que “um dos nomes mais famosos do ramo provocou grandes transformações em favor da diversidade na indústria fashion”, escrita por Simone Blanes. Na referida matéria, podemos ler as seguintes passagens:

Além da beleza inquestionável, foi a primeira modelo negra a ter destaque mundial e pioneira em protestar contra o racismo no universo da beleza, seja por igualdade no tratamento, seja por pagamentos equivalentes aos das colegas brancas [...] cada momento da sua vida foi revirado por tabloides e revistas do mundo da moda e das celebridades, onde

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcmGGT4n1N8>. Acesso em: 27 nov 2025.

ela frequentemente estampava a capa. Foi assim que vieram à tona os tórridos romances com o pugilista Mike Tyson e os atores Robert De Niro e Leonardo DiCaprio, ou os escândalos que a levaram aos tribunais por agressões físicas. **Mas esses eventos se tornam menores em sua biografia. Ficam na memória a incessante luta contra o racismo e seus projetos humanitários.** Atuou ao lado de Nelson Mandela (1918-2013), que a chamava de “neta honorária”; criou a fundação Fashion for Relief, para ajudar pessoas acometidas por desastres globais, e a Emerge, que estimula novos talentos no continente africano. Hoje, aos 54 anos, continua trabalhando a todo vapor, mas dedica boa parte de seu tempo para cuidar dos dois filhos pequenos. **Mais do que celebrar seu legado, com o nome de Naomi cravado em nosso tempo, a exposição em Londres coroa sobretudo o impacto cultural que ela teve e tem até hoje no poder e na representatividade da imagem da mulher negra.** Não é exagero dizer que, **depois de Naomi Campbell, o mundo da moda e do entretenimento ficou um pouco mais diverso e bem menos preconceituoso.** Que bom (Veja, 2024, grifos nossos).

A referida publicação retoma uma regularidade discursiva recorrente nas narrativas sobre Naomi Campbell: a ênfase em seu caráter “pioneiro”. Logo na abertura, a reportagem destaca tanto as conquistas da supermodelo quanto o fato de ela ter sido “a primeira modelo negra a ter destaque mundial”, bem como ter sido “pioneira em protestar contra o racismo no universo da beleza”.

Essa insistência no pioneirismo não aparece de forma gratuita; trata-se de uma estratégia discursiva que legitima a posição de Campbell como sujeito autorizado a falar – e a ser lembrada – no campo da diversidade étnico-racial na moda - ainda que, antes dela, tenham existido outras modelos negras. Ao sublinhar sua suposta condição de “primeira”, o texto reforça a excepcionalidade de sua trajetória e produz um efeito de monumentalização, inscrevendo-a como marco fundador de transformações revolucionárias na moda.

A reportagem também reafirma que, em sua carreira, permaneceria na memória “a incessante luta contra o racismo e seus projetos humanitários”, deslocando os episódios de tabloides e escândalos¹⁶ para um plano secundário. Tal seleção de aspectos biográficos opera como uma curadoria da figura pública de Campbell, centrada em sua atuação política e social.

As discursividades que atravessam a matéria insistem que seu “impacto cultural” reverbera “no poder e na representatividade da imagem da mulher negra”, além de sugerirem que, “depois de Naomi Campbell, o mundo da moda e do entretenimento ficou um pouco mais diverso e bem menos preconceituoso”.

¹⁶ Apesar de sua consagração como ícone da moda, Naomi Campbell também esteve envolvida em algumas polêmicas amplamente repercutidas pela mídia. Ao longo dos anos 1990 e 2000, enfrentou processos judiciais por agressões físicas a funcionários e colaboradores, episódios que fortaleceram a construção de uma imagem pública marcada pelo temperamento explosivo. Além disso, sua vida pessoal – incluindo relacionamentos com celebridades e aparições constantes em tabloides – foi frequentemente explorada como parte de um imaginário de excessos em torno das supermodelos. Essas controvérsias, embora muito divulgadas, costumam ser relativizadas nas narrativas que priorizam seu impacto cultural e sua trajetória de enfrentamento ao racismo na moda.

Assim como nas matérias anteriores sobre a supermodelo, a *Veja* reitera sentidos já estabilizados no imaginário midiático: Campbell como ícone global, agente transformadora e referência incontornável no enfrentamento ao racismo na moda. O discurso da pioneirização, repetidamente acionado, cumpre a função de naturalizar sua centralidade histórica e de produzir coerência narrativa em uma trajetória que se deseja exemplar.

É justamente esse gesto discursivo – o de transformar uma subjetividade histórica em origem explicativa de mudanças estruturais – que permite compreender o que Veyne (2011, p. 179) aponta ao afirmar que “não é possível tornar-se qualquer sujeito em qualquer época”. Para que Campbell possa ocupar esse lugar de sujeito, é necessário que o discurso a anteceda e a acompanhe, instituindo-a como protagonista de uma revolução estética, política e racial.

No sentido das discursividades sobre a supermodelo, a revista *Harper’s Bazaar* publicou uma outra matéria em 2024, intitulada “*Naomi Campbell Remembers Being the Only Black Model in the Room – and Wants That to Change*” (em português, “Naomi Campbell relembra ser a única modelo negra na sala – e quer que isso mude”), escrita por Rosa Sanchez.

No subtítulo, lemos: “Eu não gostava de ser a primeira em muitas coisas. ‘Barreiras precisam ser quebradas. Desafios precisam ser enfrentados’, disse ela à Harper’s Bazaar”. Na publicação, é dito que:

Naomi Campbell tem muitas conquistas pioneiras na moda: foi a primeira mulher negra a abrir um desfile da Prada, a primeira a estampar a capa da Vogue francesa e a primeira modelo negra na capa da Time. Mas agora, criando dois filhos, incluindo uma menina pequena, sua maior esperança é que nenhuma outra mulher negra jamais se sinta sozinha ou sem representatividade em um ambiente. “As pessoas acham que você quer ser o único, mas não é necessariamente assim”, disse Campbell à Harper’s Bazaar em sua matéria de capa para a edição de agosto. “Por isso, quis nos celebrar na exposição – Naomi Sims, Beverly Johnson, Iman, Bethann Hardison, Veronica Webb, Karen Alexander – porque elas também vieram antes de mim”. **Um farol brilhante para toda uma geração de mulheres negras nos anos 90 que não se viam representadas em revistas de moda ou nas passarelas, Campbell se reinventou ao longo de sua carreira não apenas como uma linda supermodelo, mas também como uma defensora da inclusão e da diversidade.** “Eu não gostei de ser a primeira em muitas coisas. Barreiras precisam ser quebradas. Desafios precisam ser enfrentados”, diz Campbell sobre sua trajetória como modelo. “Eu só queria fazer o melhor trabalho possível. [Pensei que] se eu tomasse a decisão de entrar nesse ramo, eu o abraçaria. Eu queria dar o meu melhor porque minha família definitivamente não queria que eu fizesse isso”. **Ela explica que, apesar de ser um dos rostos mais famosos da moda, nunca ganhou tanto dinheiro ou tantos trabalhos publicitários quanto suas colegas brancas.** Em 1991, ela disse: “Posso ser considerada uma das principais modelos do mundo, mas de forma alguma eu ganho o mesmo dinheiro que elas”. Hoje, ela afirma: “Muitas pessoas pensam: ‘Ah, ela é forte demais. Ela sabe lidar com isso’. Até certo ponto. Eu tenho sentimentos como qualquer outra pessoa”. **Atualmente, Campbell continua a lutar por maior diversidade entre as modelos por meio de seu trabalho com a Diversity Coalition de Hardison, permanece como embaixadora global do Queen’s Commonwealth Trust e trabalha com a amfAR para impulsionar a pesquisa sobre a AIDS.** “Meu propósito é maior”, diz Campbell. “Meu propósito é o continente africano. Meu propósito são os criativos

emergentes. Meu propósito é abrir isso para todos. Há tanto talento por aí que simplesmente não recebe essa oportunidade” (Harper’s Bazaar, 2024, grifos nossos, tradução nossa).

Nessa publicação, observa-se a produção de um discurso que reinscreve Naomi Campbell em uma posição de sujeito emblemático dentro do campo da moda, enfatizando sua trajetória pioneira e seu lugar como supermodelo negra que desbrava espaços historicamente interditados. A narrativa se estrutura em torno do “ser a primeira”, gesto que, embora reconhecido como conquista, aparece também problematizado pelo próprio sujeito do discurso, que recusa a ideia de singularidade solitária e reivindica a necessidade de um coletivo de mulheres negras ocupando tais posições.

Discursivamente, a matéria opera por meio de um jogo entre excepcionalidade e vulnerabilidade. Por um lado, produz Naomi como “farol” e “referência” para outras mulheres negras, investindo-a de um poder quase mítico de visibilidade. Por outro, reinsere a dimensão humana e afetiva da subjetividade de supermodelo ao mencionar desigualdades salariais, sensações de solidão e a ideia de que, por ser vista como forte, seria automaticamente capaz de suportar violências e desigualdades reiteradas dentro da indústria. Criam-se, assim, efeitos de sentido que complexificam sua figura: o sujeito é simultaneamente ícone e corpo ferido, potência e alvo.

A revista também amplia a trama discursiva que envolve Naomi – e da qual ela é parte constituinte – ao mencionar seu engajamento político e humanitário, configurando uma posição de sujeito atravessada por um “propósito maior”, que inclui a luta pela diversidade, a valorização de criadores emergentes e a defesa do continente africano. Essa construção desloca o sujeito encarnado por Naomi da posição de “modelo” para a de agente de transformação, atualizando sentidos que a investem de legitimidade discursiva para falar sobre raça, inclusão e desigualdade estrutural.

Em 22 de maio de 2025, a revista *L’Officiel* – em sua versão brasileira – publicou uma matéria intitulada “Naomi Campbell faz 55 anos: veja 8 curiosidades sobre a modelo”. No subtítulo, é dito que: “Naomi Campbell faz parte do seleto grupo que pode ser chamado de supermodelos”. Na íntegra, é notícia sobre ela:

Nesta quinta-feira, 22 de maio, Naomi Campbell celebra seus 55 anos. **Considerada uma das maiores modelos de todos os tempos, a britânica tem uma carreira marcada por desfiles lendários, campanhas de prestígio e uma personalidade forte que moldou gerações no mundo da moda.** Em homenagem à data, relembramos 8 curiosidades sobre a trajetória da estrela: 1. **Foi a primeira modelo negra a estampar capas históricas. Naomi abriu portas em uma indústria dominada por brancas. Foi a primeira modelo negra a estampar a capa da “Vogue Paris” (1988), além da “Vogue britânica” (1987) desde 1966 e da “Time”**

(1991), quebrando barreiras importantes para modelos negras ao redor do mundo. 2. Começou a carreira aos 15 anos. Descoberta enquanto fazia compras em Londres, Naomi assinou seu primeiro contrato com apenas 15 anos. Em poucos meses, já era uma das promessas mais comentadas das passarelas europeias. 3. Fez parte do seleto grupo das "supermodelos" dos anos 1990. Ao lado de Cindy Crawford, Linda Evangelista, Christy Turlington, Claudia Schiffer e Kate Moss, **Naomi fez parte do grupo que redefiniu o conceito de top model.** As seis eram presenças constantes nas passarelas mais importantes e em editoriais icônicos da década. 4. Tem uma relação próxima com o Brasil. Naomi já declarou amor ao Brasil diversas vezes, especialmente pelo Carnaval do Rio e pela amizade com personalidades como Lenny Niemeyer e Luciano Huck. Já desfilou pela Grande Rio e também teve um romance com Marcus Elias, empresário brasileiro. 5. É mãe de dois filhos. Surpreendendo os fãs, Naomi anunciou em 2021 que havia se tornado mãe de uma menina, aos 50 anos, e revelou em 2023 o nascimento de seu segundo filho, um menino. Discreta com a vida pessoal, ela evita mostrar o rosto dos filhos e raramente fala sobre maternidade na imprensa. 6. Já se aventurou como atriz e cantora. Além das passarelas, Naomi tem no currículo participações em filmes, séries e videocliques – incluindo “Freedom! ’90”, de George Michael, um clássico da cultura pop. Nos anos 1990, chegou a lançar um álbum de estúdio, *Baby Woman*, no Japão e na Europa. 7. **Enfrentou polêmicas e se reergueu. Ao longo dos anos, Naomi teve episódios de comportamento explosivo amplamente divulgados pela mídia, incluindo agressões a funcionários. Em 2007, foi condenada a realizar serviço comunitário. Hoje, é vista como um exemplo de superação e foco em causas sociais.** 8. **É ativista de causas humanitárias. Engajada com diversas frentes, Naomi fundou a Fashion for Relief, instituição que promove desfiles beneficentes para arrecadar fundos a vítimas de desastres naturais e crises humanitárias. Também é envolvida em campanhas antirracistas e de inclusão na moda** (L’Officiel Brasil, 2025).

A matéria da *L’Officiel* organiza suas discursividades em torno da celebração de Naomi Campbell. Ao apresentar a lista de “8 curiosidades” sobre sua trajetória, o texto constrói uma narrativa biográfica que ressalta feitos históricos, conquistas pioneiras, versatilidade artística e engajamento social. Essa forma de escrita, mais leve e enumerativa, reforça a imagem da supermodelo como figura monumental, cuja vida teria se consolidado como patrimônio cultural da moda.

Entretanto, diferentemente das duas matérias anteriores, a *L’Officiel Brasil* inclui uma seção dedicada às polêmicas envolvendo Naomi, como episódios de agressão e condenação a serviços comunitários¹⁷. A presença desses elementos produz uma discursividade concorrente que tensiona os sentidos de exaltação e grandiosidade atribuídos à figura da supermodelo. Em lugar de uma narrativa unicamente heroica, emerge uma subjetividade complexa, atravessada por ambivalências: ícone e controversa, admirada e criticada, disciplinada e indisciplinada.

A convivência e as disputas desses discursos em uma mesma matéria produzem efeitos de sentido que desestabilizam a construção discursiva homogênea de Naomi. Sua imagem é simultaneamente produzida como símbolo de força, superação e ativismo, enquanto é retomada como corpo marcado por excessos, conflitos e moralizações midiáticas. Isso

¹⁷ Naomi Campbell foi condenada por duas agressões: em janeiro de 2007, por ter atirado um celular contra sua empregada em New York, e em junho de 2008, por agredir dois policiais em um avião.

demonstra o caráter essencialmente tensional das formações discursivas que sustentam sua notoriedade: para além do sujeito supermodelo apoteótico, aparece também a subjetividade vulnerável às estratégias midiáticas de espetacularização e julgamento.

Em termos foucaultianos, trata-se da coexistência de saberes que tanto objetivam quanto subjetivam Naomi: ora como exemplo de excelência estética e profissional, ora como corpo a ser corrigido, avaliado e normatizado. A matéria evidencia que a produção de sentido sobre celebridades, especialmente mulheres negras, raramente é unívoca; ao contrário, opera em zonas de disputa entre discursos que celebram, legitimam, enquadram e sancionam.

Considerações finais

Ao longo da história da moda, diversos nomes ocuparam o lugar de modelo. No entanto, esse lugar nunca foi neutro. Foi constituído por práticas, enunciados e regularidades que determinaram quais corpos poderiam ser vistos, celebrados ou silenciados. A emergência da figura da supermodelo no final do século XX evidencia esse movimento, pois instituiu um regime de visibilidade que privilegiou determinadas corporeidades enquanto relegava outras a posições marginais.

Nesse cenário, Naomi Campbell tornou-se uma exceção que evidencia a regra: sua presença marca a irrupção de um corpo negro em um espaço historicamente produzido por e para corpos brancos. As análises realizadas mostraram que o nome “Naomi Campbell” funciona, no presente, como um operador discursivo. Em torno dele, articulam-se sentidos de poder, influência e resistência.

As matérias jornalísticas a costuram como alguém cuja trajetória ultrapassa o domínio das passarelas, inscrevendo-a em redes discursivas que a constituem simultaneamente como supermodelo, celebridade, ativista e sujeito que interpela a própria indústria da moda. Esse processo não é espontâneo, mas resultado de um funcionamento discursivo que legitima e atualiza continuamente o lugar que o sujeito ocupa.

Observamos que os discursos que circulam sobre Naomi reforçam a ideia de que seu nome adquiriu a força de uma marca – algo imediatamente reconhecível e capaz de mobilizar sentidos. Essa marca, entretanto, não se limita a um produto cultural: ela constitui um ponto de deslocamento, pois seu corpo e sua fala tensionam regimes de verdade que, por décadas, sustentaram a exclusão das corporeidades negras das estruturas centrais da moda.

As matérias analisadas reiteram, de diferentes modos, que é justamente de dentro desse sistema que o sujeito pode dizer “nossa indústria”, revelando que sua inscrição no campo da moda não se limita ao reconhecimento estético, mas implica poder de enunciação.

Sob a perspectiva foucaultiana adotada neste estudo, Naomi Campbell aparece como sujeito constituído nas/pelas redes discursivas da moda. Ela é produzida por esses discursos e, simultaneamente, produz novos modos de significar o que é ser (super)modelo e mulher negra na indústria.

Seu poder não é algo individualizado ou essencial, mas efeito de uma posição histórica que lhe permite agir, tensionar e transformar. Naomi só pode cobrar a indústria porque ocupa um lugar de sujeito que foi sendo produzido e legitimado ao longo de décadas por discursos que a consagraram como uma figura excepcional.

Desse modo, a relevância de Naomi Campbell não se resume à lista de conquistas, desfiles ou capas de revista. Ela opera como uma plataforma discursiva que possibilita falar sobre diversidade étnico-racial dentro de um campo que, por muito tempo, impediu que essas falas emergissem com legitimidade. Ao enunciar suas demandas e denunciar desigualdades, a supermodelo reconfigura o mapa de visibilidades da moda e produz novas condições de possibilidade para que outros sujeitos negros ocupem esse espaço.

Como observado, a celebridade britânica não atua isoladamente. Suas intervenções fazem parte de uma rede de saberes e poderes na qual estilistas, jornalistas, marcas, fotógrafos e demais agentes também produzem sentidos, reforçam posições e disputam narrativas. É nesse entrecruzamento que seu poder se manifesta: não como poder absoluto, mas como força que circula, afeta e é afetada.

Diante disso, as matérias jornalísticas analisadas não apenas relatam os feitos de Campbell; elas participam da construção de uma memória discursiva que a inscreve como figura fundamental na transformação das relações de visibilidade e representação na moda contemporânea. Essa memória legitima sua fala e amplifica o alcance de seus enunciados, permitindo que sua atuação reverbere para além do presente e contribua para reorientar as condições discursivas para as próximas gerações.

Parafraseando Angela Davis, podemos concluir que, quando uma supermodelo negra desfila nas passarelas discursivas da moda, toda a indústria se movimenta com ela. Assim, ao desestabilizar as tramas da moda, as discursividades em torno de Naomi Campbell e os enunciados produzidos e mobilizados pela supermodelo britânica ecoam e ressignificam as próprias condições de possibilidade daquilo que pode ser dito, visto e reconhecido como

legítimo dentro desse campo. E, nesse gesto, abrem caminhos que hoje permitem a outras pessoas negras ocuparem lugares antes interditados.

Por fim, este estudo reconhece suas próprias delimitações: ao concentrar-se em um conjunto de materialidades específico – os textos midiáticos – ilumina apenas uma das faces do funcionamento discursivo que constitui a subjetividade de Naomi Campbell.

Pesquisas futuras poderiam ampliar esse escopo, explorando outras materialidades, como as falas da própria supermodelo em redes sociais, entrevistas com profissionais da moda ou comparações com a construção discursiva de outras supermodelos negras – como Tyra Banks – a fim de mapear diferentes construções de lugares de sujeito ao longo do tempo. Tais caminhos permitiriam aprofundar a compreensão das disputas, continuidades e transformações que atravessam a representação de corpos negros na moda contemporânea.

Referências

BBC News. Naomi Campbell shames Vogue over diversity. **BBC News**, 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/entertainment-arts-41022264>. Acesso em: 27 nov. 2025.

BLANES, Simone. Naomi Campbell celebra 40 anos como ícone de uma revolução na moda. **Veja**. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/naomi-campbell-celebra-40-anos-como-icone-de-uma-revolucao-na-moda>. Acesso em: 20 jun. 2025.

CHANNEL 4 NEWS. Naomi Campbell on high fashion discrimination. **YouTube**, 19 jun. 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rcmGGT4n1N8>. Acesso em: 27 nov. 2025.

COURTINE, Jean-Jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DE COCK, Barbara; AULIT, Laetitia; CIGADA, Sara; GRECO, Sara; MODRZEJEWSKA, Ewa; PALMIERI, Rudi. The Discourse of Digital Activism: A Linguistic Analysis of Calls for Action Concerning the Fashion Revolution. **Applied Linguistics**, v. 45, n. 6, p. 1091-1110, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/amae046>

DUAN, Noël Siqui. Black women's bodies and blackface in fashion magazines. **Critical Studies in Fashion & Beauty**, v. 8, n. 1, p. 65-98, 2017. DOI: https://doi.org/10.1386/csfb.8.1.65_1

FERNANDES, Cleudemar. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. Verdade e poder. In: **Microfísica do poder**. Organização Roberto Machado. 25. ed. São Paulo: Graal, 2012.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O enunciado e o arquivo: Foucault (entre)vistas. In: SARGENTINI, V.; BARBOSA, P. N. (Orgs.). **Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade**. São Carlos, SP: Claraluz, 2004.

KLERK, Amy. Naomi Campbell opens digital couture fashion week with powerful speech about diversity. **Harper's Bazaar**. 2020. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/uk/fashion/fashion-news/a33214280/naomi-campbell-opens-digital-couture-fashion-week/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

L'OFFICIEL Brasil. Naomi Campbell faz 55 anos: veja 8 curiosidades sobre a modelo. **L'Officiel Brasil**, 2025. Disponível em: <https://www.revistalofficiel.com.br/pop-culture/naomi-campbell-faz-55-anos-veja-8-curiosidades-sobre-a-modelo>. Acesso em: 27 nov. 2025.

MORIN, Edgar. **As estrelas: mito e sedução no cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

NAOMI Campbell diz que diversidade racial na moda não deveria ser apenas tendência. **Estadão**. 2019. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/gente/naomi-campbell-diz-que-diversidade-racial-na-moda-nao-deveria-ser-apenas-tendencia/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 7 ed. São Paulo: Pontes, 2007.

PAIXÃO, Humberto Pires da. **Saber, poder e sujeito no dispositivo da moda**. 2013. 185 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/4d70cee3-cd96-4b88-844f-d856fe10b953>. Acesso em: 20 nov. 2025.

PALHÃO, Marcela. Naomi Campbell cobra ações do mundo da moda sobre igualdade racial na abertura da Semana de Alta-Costura. **Harper's Bazaar**. 2020. Disponível em: <https://harpersbazaar.uol.com.br/estilo-de-vida/naomi-campbell-cobra-acoes-do-mundo-da-moda-sobre-igualdade-racial-na-abertura-da-semana-de-alta-costura/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

PILYARCHUK, Kateryna. In/exclusion in fashion discourse: Are we in or out?. **Discourse & Society**, v. 35, n. 5, p. 606-624, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1177/09579265241241074>

SANCHEZ, Rosa. Naomi Campbell remembers being the only black model in the room - and wants that to change. **Harper's Bazaar**, 14 ago. 2024. Disponível em: <https://www.harpersbazaar.com/celebrity/latest/a61867891/naomi-campbell-diversity-in-fashion-interview/>. Acesso em: 27 nov. 2025.

SANTOS, Marcelino. "Não saímos de casa por menos de 10 mil dólares por dia": o dispositivo da moda e o surgimento das supermodelos. In: DANTAS, D. F.; SILVA, F. P.; OLIVEIRA, P. R. D.; OLIVEIRA, G. F. (Org.). **Mídia, discurso e sociedade: problematizações contemporâneas**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

SHAHBAZ, Ali. Naomi Campbell Is Not Alone. And Why It Matters To All Of Us. **Forbes**. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/alishahbaz/2020/10/22/naomi-campbell-is-not-alone-and-why-it-matters-to-all-of-us/?sh=2365ff5c45cd>. Acesso em: 20 jun. 2025.

STEPHENSON, Minnie. Naomi Campbell on high fashion discrimination. **Channel 4 News**. 2024. Disponível em: <https://www.channel4.com/news/naomi-campbell-on-high-fashion-discrimination>. Acesso em: 20 jun. 2025.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

VEYNE, Paul. **Foucault: seu pensamento, sua pessoa**. Tradução Marcelo J. de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Recebido em: 21 de julho de 2025
Aceito em: 8 de dezembro de 2025